

VILLAS-BÔAS CORRÊA

18 JUN 1997

Não é bem assim

O ilustre aniversariante de hoje aproveitou o ensejo da véspera para a primeira manifestação pública de humildade e, ainda assim, pelas linhas tortas do erro de avaliação. Na entrevista a Lilian Wite Fibe, o presidente Fernando Henrique Cardoso, lá pelas tantas abriu a guarda e, distraído, reconheceu o único equívoco tático cometido nos dois anos e meio de exercício do mandato do qual se arrepende: a ênfase nas reformas constitucionais, apresentadas no exagero do tudo ou nada e que acabou dando à opinião pública a impressão de estar o governo amarrado ao Congresso.

Tanto não é bem assim que no comportamento ansioso do governo, nas reações do Congresso, na virulência da oposição, recolhe-se as evidências de que o engano não foi valorizar a importância e a urgências das reformas do compromisso do candidato mas, exatamente o contrário: a desqualificação na lista das prioridades para a concentração obsessiva na emenda da reeleição.

E é a reeleição que está conduzindo o governo e despertando a oposição da dormência de sonâmbula em que se escondeu na longa noite da omissão. Precipitada, a campanha eleitoral ocupou o espaço, complica a articulação parlamentar e força o lançamento dos ensaios de candidatura. Dos dois lados. Itamar Franco, José Sarney, Fernando Collor de Mello, Roberto Requião mexem-se de olho comprido na fresta do bloco centrista; Lula antecipa-se, radicaliza para garantir a vaga no outro pólo e anuncia o reinício da caminhada da caravana do voto, sob o disfarce esperto de mobilização da sociedade e da famosa consulta às bases antes da formalização da frente da esquerda.

Tudo isso esperaria até meados de 98; no mínimo pelas festas de fim de ano, as férias, a curtição da lombeira do verão.

Contaminado pelo clima de campanha, os pronunciamentos do presidente ou as iniciativas do governo são analisadas com um pé atrás, com a suspeição inevitável e, reconheça-se, justa.

Pois não é que só agora, além do meio do mandato, acudiu ao presidente lançar no espaço, como sondagem no poço do voto, a conveniência de enxugar de cima para baixo o estafermo burocrático, com a extinção de ministérios que nunca chegaram a existir ou estão virtualmente desativados, como o dos Transportes, de Minas e Energia e de Comunicações. Por que não se cuidou da faxina na oportunidade adequada, ao tomar posse? Não é difícil sacar as razões do esquecimento e do tardio resgate, como bandeirola de candidato.

Em cima do pio, como volteios de par treinado no compasso da valsa, o ministro do Planejamento, Antônio Kandir, anunciou que o governo vai gastar R\$ 31 bilhões para dar uma sacudidela enérgica no programa Brasil em Ação. E que contempla áreas de saneamento, energia, transportes, a faixa social dos canteiros de voto.

O ministro foi de tocante sinceridade: o presidente quer ser reconhecido pelo eleitor como "tocador de obras" nos palanques da reeleição. Não deu outra: no seu programa de rádio de ontem, Fernando Henrique comunicou aos padecentes das rodovias federais a operação de emergência para tapar buracos com verba generosa de R\$ 120 milhões para começar.

Para não perder o bonde: adiantará muito pouco ou quase nada entupir a buraqueira se não for aproveitada a oportunidade para, ao mesmo tempo, extirpar a praga dos quebra-molas, dos sonorizadores, das lombadas que grassa por todo o país, com o patrocínio da burrice e da demagogia. Político adora favelas e quebra-molas, cevas do voto.

O aniversariante tem bons e sabidos motivos para amofinar-se. Aflições de candidato diante dos desacetos do que parecia tão bem arrumado.

O jeito é procurar remendar os rombos e ir em frente. Como ensina Sílvio Caldas no samba eterno, música sua e letra de Armando Reis, "o arrependimento quando chega, faz chorar."

Parabéns, presidente.